

MARIDOS

Altamir Botoso (Tradutor)¹⁰⁹

MASTRETTA, Ángeles. *Maridos*. 1. ed. Barcelona: Seix Barral, 2007, p. 36-62.

Disponível em:

<<http://clubdelphos.org/sites/default/files/Mastretta,Angeles-Maridos.pdf>>

Acesso em: 20 jun. 2019.

GRAMÁTICA

Chamou-a de Silabaria e a desejou três dias e três noites, como ao horizonte. Depois a esqueceu em três horas, como um abismo. Mas enquanto a teve por perto, chamou-a de Silabaria. Grande nome para uma apaixonada pelo ócio e pelas palavras.

SAL

Era sábado de manhã, Elisa estava no jardim removendo a terra de uns vasos, empenhada em fazer que reverdessem as flores que não havia regado durante a semana. Mil plantas resistem seis dias sem regar, mas as azaleias sofrem com pouco, então ela estava concentradíssima no assunto quando seu marido apareceu por ali e a olhou com a serenidade de quem contempla o infalível, mas sem pôr em sua voz o que havia em seu olhar. Às vezes assim se

¹⁰⁹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil. Professor Adjunto da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Brasil. ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0003-3231-2351>. E-mail: abotoso@uol.com.br

contradizem as emoções no corpo. Elisa perguntou-lhe o que estava acontecendo e ele disse que sairia um momento para ver não sei o quê. Enumerou-as com enorme dedicação, mas ela não lhe fez muito caso porque acreditou saber perfeitamente onde ia e preferia não saber onde dizia que ia. Mil anos de vida juntos conduzem a uma compreensão do outro que às vezes parece idiotice, mas muitas outras é compreensão de que a vida dura demasiado para resistir a temperar a melhor das comidas trazendo para casa um pouco do sal que há no proibido. Ela sabia perfeitamente o sabor desse sal e às vezes sentia tanta falta dele que gostava de chorar para comer as lágrimas, que têm algo de salgado.

Jogou-lhe um beijo com a mão cinza de remexer entre as plantas, e desejou que tudo corresse bem. Ficaram de se ver na hora do almoço. Algo de grave teria o caso daquele sal, que seu marido tinha que resolvê-lo essa manhã. Aqueles que sabem do assunto, pensam que a convivência dos sábados é decisiva para manter a estabilidade conjugal. É muito mais, quando o êxtase dos amores alternados começa a se desvanecer, ninguém se lembra de usar um fim de semana para dirimir assuntos que normalmente pertencem ao acordo que vai das segundas às sextas-feiras.

Pouco depois de vê-lo sair, Elisa deixou os vasos, regou a grama enquanto cantava uma canção de ninar e entrou em casa e no chuveiro. Levava o sol na cabeça, sentiu um cansaço desses que se abençoam porque prenunciam o prazer com que a pessoa se enfiará na cama quando o dia terminar. Durante toda a semana trabalhava na direção de um centro cultural. Sua sexta-feira tinha terminado com um jantar tardio e de madrugada, embora a possível namorada de seu marido não estivesse nunca ciente, Elisa tinha feito sexo com ele durante mais de uma hora de ir e vir pela cama buscando o alimento básico de suas vidas. Não lhe faltou nem um pouco de sal em semelhante encontro, então verdadeiramente ela tinha motivos para estar intrigada com a razão que levava seu cônjuge para a rua, no horário do futebol, da bebida e da conversa.

Vestiu-se com uma roupa amarela. Sentiu o grato calor de março. Iriam com amigos a uma mesa de comida picante e omeletes saindo da frigideira¹¹⁰. Olhou o relógio. Estava começando a ficar tarde. Às três e vinte seu marido não tinha regressado e as coisas começaram a mudar de aspecto. Semelhante atraso não podia dizer senão uma coisa: do outro lado havia um divórcio, uma viuvez recente, uma solteirice insuportável ou as três coisas. Quem invade assim um sábado não pode estar senão sozinha como um cachorro de açougue. Não tinha filhos aquela personagem? Não faltava mais nada que seu marido estivesse tendo problemas para dizer adeus à conversa. Porque para Elisa não cabia dúvida de que ali não haveria nessa manhã senão um pedaço de boa ou má conversa. Talvez alguma censura. Às vezes as namoradas tornam-se recriminadoras. Pelo fato de ter cinco amigas basta para saber isso. Nunca falta uma que passe por situação semelhante e quem viveu uma situação semelhante imagina de que tamanho pode ser a confusão. Quem sabe, pensou. Cortou uma folha da agenda que tinha sempre em sua cozinha e deixou um recado para seu marido para avisar que se adiantara.

Chegou à mesa com as bochechas avermelhadas e um ligeiro tremor entre os lábios. Teria que explicar a ausência do marido. Queria uma tequila, chupar um limão e soltar o riso largo como seu espanto. E se seus amores dessa manhã tivessem sido uma despedida, uma gentileza de última hora. E se não voltava o marido, se a deixava ali esperando, entre pessoas as quais juntas não podia dizer nem meia palavra, porque com meia bastaria para arruinar a festa, para coloca-los a olhá-la com piedade, e isso sim lhe resultaria insuportável. A vida privada tem seus delírios e somente cada um faz as contas como se deve. Nenhum grupo pode julgar com tino os meandros de um casal se não está dentro dele. Assim sendo, beberia uma tequila à saúde de seu marido, que quanto mais ausente mais presente se faria.

¹¹⁰ Comal: “Disco de barro o de metal que se utiliza para cocer tortillas de maíz o para tostar granos de café o de cacao”. Informação disponível em: <<https://educalingo.com/es/dic-es/comal>> Acesso: 14 jul. 2018.

– Já estão esperando você – disse o garçom que a conhecia de vê-la tantos sábados como pode caber em dez anos de ir ao mesmo lugar pelo menos a cada três semanas.

Uma mão levantou-se entre as mesas e, temendo não ser visto, seu dono levantou o corpo para chamar a sua mulher que ali estava, olhando-o de longe, assombrada com ele e consigo mesma.

– Por onde você andava, mulher? – perguntou-lhe quando a teve por perto.

– Esperando por você – disse Elisa com o sal de uma lágrima a ponto de brotar-lhe.

– Combinamos aqui – disse o marido –. Comprei tuas tesouras de podar.

– Minhas tesouras de podar? – perguntou ela olhando-o como se tivesse retornado do espaço infinito.

– Aonde você foi?

– Eu disse a você que à loja de ferramentas, mas você nem me prestou atenção. Vive no mundo da lua.

– Mais longe – disse Elisa meneando a cabeça como se relinchasse.

– Pedi uma tequila para você – consegui dizer seu marido que, de imediato, tinha recobrado o alento. Enquanto a esperava teve tempo de imaginar que era capaz de não chegar, de abandoná-lo ali enquanto ia buscar o próprio sal.

– Quero três – pediu ela, apaixonada como nunca pelas lojas de ferramentas.

Porque num corpo cabem várias monogâmias, mas uma é mais monogâmia que as outras e eles sabiam disso tão bem como proclamavam o outro.

Eram outros tempos quando Paz Gutiérrez, uma mulher cujo nome discordava dela a cada momento, soube de boa fonte, porque nas cidades pequenas as fontes sempre são boas, que um filho de seu marido tinha ficado órfão na tarde anterior.

Felipe, seu marido, era um homem de poucas palavras, que falava aos gritos porque sempre foi um pouco surdo. Sua figura robusta acompanhava um andar rápido e sua destreza para o trabalho era drástica como o desdém com que ordenava os afazeres dos outros. Sua fortuna era grande como a terra verde da fazenda em que vivia com sua mulher e seus filhos. Uma propriedade que chegava desde as margens da cidade mais próxima a sua casa até a entrada, a mil hectares, da cidade seguinte. Tudo era seu embaixo daquele céu largo, como tudo ao seu redor parecia seu, estivesse onde estivesse.

Havia em sua fazenda tantos cavalos, vacas, laranjais e pastos que ele, cuja fortaleza física era a de um puro sangue, demorava semanas para percorrê-los. Até um rio cruzava aquela fazenda. Um rio que na época de chuvas crescia de tal maneira e tão depressa que em uma noite podia partir em dois aquele mundo e deixar aqueles que estavam de um lado presos na encosta oposta até que os aguaceiros se acalmassem e a água voltasse a ficar tranquila por um tempo. Atravessavam-no em uns botes compridos, devagar, sob o sol árduo do amanhecer nessa terra. Depois ficavam à mercê da corrente e de sua vontade para empreender a volta.

Justo do outro lado do rio, disseram a Paz numa tarde de maio, tinha morrido uma mulher cujo filho, criança do acaso e não legítima, que concebeu com Felipe em alguma noite dessas em que a água não baixou a tempo para leva-lo de volta à margem onde dormiam Paz e seus filhos. Quem sabe quantas vezes, embora baixasse a água, não voltou o marido. De qualquer forma, foram suficientes. Nasceu um filho do qual ninguém falou nunca, cuja existência não existia, cuja mãe era pobre como um anjo no inferno, cujo nome não sabia nem seu pai, porque não queria nem dar-lhe nome.

Felipe esqueceu que vivia, porque não era coisa para se recordar. E se alguém teve o assunto em sua memória, a última coisa que pensou foi em dizer algo que fosse desagradar dom Felipe, como o chamava todo mundo que o conhecia, inclusive Paz que, apesar da distância com que o chamava, tinha sabido amá-lo porque o homem colocou nela, sobretudo no princípio, uma ternura que foi impossível não encontrar reparação para todo mal. Inclusive o mau caráter. Porque não era fácil lidar com aquele homem cuja fúria temiam os mais corajosos. Paz não, porque tinha muito clara sua força e sabia como ninguém triunfar em alguns momentos sobre a guerra eterna em que vivia seu marido.

Meio mundo tinha medo dele, mas nunca falta quem conhece a piedade antes do medo e dois dias depois de ver o menino abandonado depois da morte de sua mãe, uma vizinha atreveu-se a atravessar o rio para contar a Paz toda a história. Ela não quis entrar em detalhes. Tomou o bote do amanhecer e foi buscar o irmão de seus filhos.

Paz estava linda de madrugada, tinha o cabelo atado numa trança que logo dobrou como quem tece um coque, tinha os olhos tênues e azuis, tinha o império de seu nome na alma.

Quando chegou à outra margem, com sua carga de harmonia e seus braços redondos apoiados na cintura, o pequeno lugar estava a par de tudo que foi silenciado tanto tempo. O povo tinha se juntado para espera-la, de repente solicitada a conta o como e o quando, o onde e o porquê silenciados durante dois anos, dez meses e nove dias: o menino era filho de um mulher que chegou à cidade sozinha como uma fogueira, que falava em *totonaca*¹¹¹ com quem pudesse compreendê-la e não se entendia muito em outro idioma. Por isso

¹¹¹ Povo indígena: "Os Totonacas eram um povo indígena que vivia nas regiões costeiras e montanhosas do leste do México durante a chegada dos espanhóis na América. Hoje eles são encontrados nos estados de Veracruz, Puebla e Hidalgo. Trata-se de um dos possíveis construtores da cidade pré-colombiana de El Tajín. Até meados do século XIX, eles eram os principais produtores mundiais de chile e baunilha." Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Totonaca_\(etnia\)](https://es.wikipedia.org/wiki/Totonaca_(etnia))> Acesso: 15 jul. 2018.

mesmo vivia quase em silêncio, tecendo chapéus de palma como tantas outras camponesas do local.

Paz ouviu tudo sem dizer muito, limitou-se a perguntar qual era a casa, se assim podia chamar-se o quarto de juncos e escombros em que encontrou um menino feito uma mistura atroz de ranho, sujeira, piolhos e choro. Os vizinhos tinham-no amarrado ao pé da cama para que não se perdesse enquanto procuravam um lugar para ele ficar. Estremecida e suave, Paz aproximou-se falando-lhe baixinho e lhe pôs na boca uma garrafa com tampa de borracha que terminava em uma ponta parecida a um mamilo. Mamila, chama-se agora e a vendem em qualquer parte, mas naquela época era algo nunca visto que somente Paz tinha e somente de seus filhos tinha sido. O menino deixou que ela pusesse a chupeta na boca e sorveu um pouco de água doce. Ela colocou uma mão em sua cabeça e o acariciou devagar.

– Venha comigo? – perguntou-lhe sem esperar resposta.

O menino abriu os grandes olhos e se deixou carregar. Paz saiu da casa em penumbra para a violenta luz daquele campo. Tinha pedido aos homens do bote que fizessem uma viagem extra e pagou-lhe dois dias de trabalho para fazê-la. A larga barca plana iniciou o regresso com ela sobrecarregada contra o único corrimão, abraçando o menino como se fosse um tesouro.

Era meio-dia quando entrou na casa da fazenda. Seu filho mais novo tinha um ano e dormia com um anjo pairando sobre sua cabeça. Seu filho mais velho andava pelo curral sob a vigilância de uma mulher próxima à velhice da época, que não tinha mais de cinquenta anos. Usava uma saia comprida, um avental azul, uma mantilha boba e um sorriso branco com o qual instou Paz a sentir que tinha feito bem. Já tinha posto água para ferver e ambas despiram o menino e o colocaram dentro de uma tina de estanho. No começo o pobre chorou com o primeiro susto de sua nova vida, mas, como acontece sempre, mais tarde chorou porque o tiraram da água que ele já tinha gostado. Seu irmão mais velho presenciou o banho brincando com o recém-chegado na borda da

tina e sem perder nenhum detalhe. Ensaboaram-no todo uma vez e trocaram a água, que saiu negra. Voltaram a deixa-lo de molho enquanto limpavam com uma esponja as orelhas e lavavam o cabelo retirando as lêmdeas com um pente de osso. Raspavam até os dentes e depois de tudo aquilo revirado saiu da água brilhante e formoso como era ao nascer. Tinha a pele morena e uns lábios grossos que não se juntavam ao se fechar. A parte de cima era ressaltada e dava ao seu gesto o ar de estar sempre rindo. Como se lhe faltasse graciosidade, tinha duas faíscas nos olhos.

O irmão viu-o vestido com sua roupa do ano anterior e seus quatro anos não tiveram interesse em perguntar de onde tinha saído aquele menino, mais baixinho, tão inteligente e logo tagarela que tinha trazido sua mãe. Falava pouco espanhol e atravessado, mas rápido, com o qual pediu mais leite. Deram-lhe junto com a comida que devorou junto de seu irmão. Depois Paz colocou no chão a máquina e os vagões de um trenzinho de madeira e eles se sentaram para encaixar um no outro.

Assim estavam quando invadiu na casa o assobio que voltava Felipe se as contas que fazia em seu gabinete saíam tão bem como era de se esperar. Subiu a escada e entrou na casa em busca da família. Encontrou Paz sentada em uma cadeira de balanço de vime que ia e vinha movida pelo movimento de seus pés. Nada em seus olhos ou em seus ombros parecia abalado. Aquele seu marido tinha terminado por se tornar uma espécie de primo, com o qual convivia sem mais alardes afetuosos que aqueles usados naqueles tempos diante do olhar público e ao que beijava devagar, quando cumpriam as obrigações conjugais, na breve escuridão de algumas noites.

– Quem é essa marionete? – perguntou Felipe olhando o menino que brincava com seu filho mais velho e que em menos de uma tarde compartilhava com ele o quarto e a mãe, sem grandes dificuldades.

– Você bem sabe – respondeu-lhe Paz sem deixar de se balançar.

– Pois que não se fale mais desse assunto – disse dom Felipe.

E não se falou mais.

Eram outros tempos aqueles. E embora tudo do passado nos pareça impensável, a verdade é que o tom daquele silêncio amadureceu um homem sorridente e tranquilo como a mãe que o fez seu em um dia.

A liberdade vem da luz que tem aqueles que nascem com ela dentro de si. Era o caso de Paz e foi o de seus sete filhos. O único cativo entre eles acabou sendo Felipe, seu marido, mas disso, para infelicidade sua, jamais de falou.

PELOS GRISALHOS AO VENTO¹¹²

Nessa noite Natalia sentiu seu corpo envelhecendo e sentiu o coração cada vez mais jovem, mais ávido, mais triste. Mais triste e mais ávido do que quando era jovem. Tinha o desejo como galho de lua e tinha seu marido lindíssimo. Mais bonito, mais dono de si e de seus talentos, do que nunca esteve. Tinha o ali, esticando a mão, ocultando-se todo o demais. Na televisão havia uma partida de basquetebol e ela estava olhando-a com a cabeça e a alma toda em outro lugar. Ele tinha o controle remoto, quem mais?

Durante os comerciais mudou o canal e deixou que passasse na cara de sua mulher um filme no qual outra mulher e um homem beijavam-se, acreditou Natalia, como eles se beijavam em outros tempos. Não conseguiu saber bem porque os beijos desapareceram e regressou ao basquetebol. O casal do filme

¹¹² No original, o título é parte de uma frase muito popular no México: “echar una cana al aire”. Essa frase é frequentemente usada de várias maneiras: uma delas é quando alguém faz algo para o qual não deveria ter idade. Durante vários anos a “canita al aire” foi o slogan de uma campanha de viagens para idosos promovida pelo Instituto de Segurança e Serviços Sociais dos Trabalhadores do Estado (ISSSTE). Mas essa frase também é usada, mais comumente, quando uma pessoa tem alguma relação de infidelidade com o parceiro, especialmente para se sentir mais jovem, como é sugerido no conto aqui traduzido. A frase tem sua origem na imagem de remover um fio de cabelo e se livrar dele - lançá-lo no ar - para se sentir mais jovem. TOMASINI, Carlos. ¿De dónde viene eso de ‘echar una cana al aire’? *López-Dóriga digital*. Disponível em: <<https://lopezdoriga.com/vida-y-estilo/de-donde-viene-eso-de-echar-una-cana-al-aire/>> Acesso em: 21 fev. 2019.

estava se despedindo ou se cumprimentando? A ponto de ir para a cama ou justo antes de deixá-la? Não quis fazer o jogo das adivinhações. Tinha o suficiente consigo mesma e seus desejos para andar se preocupando por aqueles que atuavam na televisão. Queria que ao invés de dormir, seu marido lhe contasse uma história e depois fizessem amor. Inconcebível. Olhou-o magro como foi e tinha voltado a ser. Não tinha tirado o paletó, só afrouxou o nó de sua gravata e cruzou uma perna sobre a outra ao mesmo tempo em que ligou a televisão.

– Me descontraí – tinha dito antes de ficar meio adormecido. Disse a Natalia, que o olhava tensa e necessitando dele, que vivia com ela como se vivesse consigo mesmo. Isso dizia ele, de onde ela acreditava que só por tê-la perto era ter próximo o café das manhãs e as toalhas de banho e a fruta antes de comer. Nada mais. Imprescindível, mas não urgente. O imprescindível aí está, pensou Natalia, ninguém para pensar o que aconteceria se não estivesse. O imprescindível não protesta. Quem já viu uma toalha protestar?

Colocou um pé entre as duas pernas e o moveu suavemente para sentir, com a ponta dos dedos, se seu desejo teria algum destino. Mas nada, debaixo dessa calça não havia nada para ela. Temeu que o escritório de onde seu marido voltou tivesse uma extensão em quem sabe onde, uma casa ou um hotel com outra mulher. Outras mulheres? Muitas mulheres? Suas amigas acreditavam que seus maridos tinham outras mulheres e ela não acreditava em nada. Não ao menos até nessa noite na qual imaginava que ele podia ter passado a tarde com uma mais jovem ou mais inteligente, mais bonita ou mais feia, mais burra ou mais velha, mais refinada ou mais bruta, mais ou menos o que quer que fosse que não lhe recordasse a geladeira, os filhos, as refeições familiares, a árvore de Natal que ela não tinha armado porque tinha muito trabalho. Olhou de novo as pálpebras de seu marido exausto, olhou sua camisa de todo dia e sua perna cruzada sobre a outra. Nada havia ali que não fosse a piscadela fraterna de um vamos comer alguma coisa?

Colocou os dedos na cintura de sua saia reta, que estava ficando um pouco frouxa, e os passou por seus quadris, juntou-os no meio, moveu-os e se desesperou frente ao basquetebol, que tinha voltado a aparecer na tela, guiado pelo controle remoto que ele tinha nas mãos. Quem mais? Somente ele, que entreabriu os olhos para alertar que estava de volta no canal de esportes e os voltou a fechar como se o embalassem.

Pela janela Natalia olhou a lua contra o céu brilhante e lamentou que o frio não a deixasse sair para vê-la. Acomodou sua cadeira de balanço embaixo do raio que lutava na escuridão com a cintilação intermitente da tv e dormiu depois de ver um homem, com corpo e alma de gazela, encestar uma bola. Seu marido não conseguiu testemunhar semelhante cesta.

No curto sono que conseguiu dormir Natalia disse a si mesma que talvez não devesse ter casado com dezenove anos. Ter netos aos quarenta tinha sido um exagero do destino. Estes tempos já não são os de antes. Quem poderia saber se era uma boa ideia tomar hormônios. Antes, as avós tinham o cabelo branco, estavam sentadas tecendo blusas, não se moviam demais, muito menos saíam para correr nos parques de manhã. As avós não tinham vergonha de seus joanetes porque nunca pensaram em usar sandálias, nem correr sobre tênis especiais para competir numa maratona de dez quilômetros. Prazeres desse tipo tiveram suas avós, pensou. Ela tinha outros. Depois foi se perdendo no mesmo sono que a tinha de vigília.

Despertou meia hora depois. Não conseguia dormir em poltronas e vestida. Na tv tinham passado para os esportes de neve, seu marido tinha vestido o pijama e dormia com a profundidade que ela só tinha visto nos bebês. Quando estava adormecido tinha um ar tranquilo, como se sua pressa de sempre andasse em suspense, ao seu redor, mas sem tocá-lo. Na verdade era um homem ao qual os anos tinham feito mais bem que mal. Natalia aceitou para si mesma que não poderia ter se casado senão com ele.

Soltou a cabeça para trás com a eloquência que esse gesto lhe dá à memória e perguntou-se como teria sido se ela tivesse se casado com alguém diferente. Fez a recontagem breve de seus vários namorados: aquele que desejou aos dezesseis tornou-se um gorducho com óculos e desencanto. Depois teve outros prospectos. Qual ela gostava mais do que esse que a vida lhe conduziu como única companhia confiável que alguém pode ter? Qual? O loiro de olhos azuis a quem não lhe sobrava um cabelo? O moreno que se fazia de muito inteligente e terminou sendo mais idiota que uma moeda de centavos? O simpático cujas piadas continuam sendo as mesmas? O chato que de tão rico se tornou um pão duro incorruptível?

O bom de se crescer numa cidade pequena, a qual se retorna somente de vez em quando, é que a gente pode olhar, como por um buraco, em que se converteu uma parte do passado. Sem sombra de dúvida, ninguém melhor que o marido com quem teve três filhas, uma depois da outra, e um filho dez anos depois, como o obelisco atrás do qual ligou as trompas e começou a trabalhar na loja de câmeras fotográficas que tinha herdado de seu pai como quem herda um reino. Nada melhor que seu marido. Seu adormecido marido daquela noite. Não conseguiu contar-lhe a notícia que a despertara. Levantou para tirar a maquiagem e para se inteirar de todas as coisas que as novas modas aconselhavam: tofu, para suprir as proteínas; vitamina E, para a pele e a memória; complexo B, para os nervos atacados; alga *espirulina*¹¹³, quem sabe para que?; ácido fólico, para reduzir os rigores da menopausa; Condoitrina com glucosalina, para impedir que o dedo mindinho continue ficando torto e, como se chamam as sementes que se tomam com um copo de água para acabar com a preguiça do intestino? Linhaçaa?

¹¹³ 1. Em botânica: designação comum, extensiva às microalgas filamentosas do gênero *Spirulina*, da família das Oscilatoriáceas; 2. Suplemento alimentar, rico em proteínas e vitaminas, preparado a partir dessas microalgas. Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/espirulina>> Acesso: 15 jul. 2018.

– Quem sabe – disse Natalia fechando uma gaveta que fez ruído.

– Que tanto você faz aí, garota? – perguntou-lhe a voz do marido da cama

– Por que você anda tanto antes de se deitar?

– Para não dormir ainda – disse Natalia, que tinha ouvido o “garota” com que a chamou o marido como se o tivesse dito a voz de um anjo.

– Você anda ensimesmada, não?

– Não quero ficar velha.

– Você vai ser uma velha bonita.

– Teu neto Pablo apareceu hoje com uma namorada. Passaram a tarde beijando-se no jardim.

– Só beijos?

– Aos treze anos? O que mais você queria? Faz uma piscadela que ele nasceu.

– Uma piscadela ele e duas sua mãe. Isso te deixa triste? Você tem medo de se tornar bisavó? Veja que eu tenho um problema maior que esse. Venha e eu te mostro.

– O que você quer me mostrar? – perguntou-lhe Natalia aproximando-se.

– Queria te mostrar desde hoje de manhã, mas você saiu enquanto eu tomava banho. Por mais que te chamasse. Isso sim esteve a ponto de me enlouquecer. É pior que um neto dando beijos no jardim. Eu ia te dizer isso quando entrei, mas não quis te desmanchar a cara de lunática com que você me recebeu.

– Por isso era melhor que você tivesse ficado dormindo. Que problema você tem?

– Tenho um pelo branco junto ao pênis – disse ele com uma tristeza abissal.

– Deixe-me vê-lo – pediu Natalia, iluminada por algo mais que a lua e a tv –. Deixe-me vê-lo – disse com a voz sorridente que acompanha um alívio.

– Nem em sonho – disse ele – Agora já não quero mostra-lo para você. Quando muito te deixo senti-lo. Vem para cama, bisavó.

Natalia meteu-se entre os lençóis quase a ponto de tirar o rímel, rolou sobre si mesma até o corpo de seu marido e foi pôr a mão no lugar em que devia estar o famoso pelo branco.

– Sente-se rei – disse.

Depois a câmara daquele que tinha tirado o filme, no caso de que o tivesse feito, fechou-se sobre a escuridão. No dia seguinte, o marido levantou-se rápido e foi exercitar-se na bicicleta enquanto lia o jornal. Ela assobiou para ele ao amanhecer, colocou o tênis, chamou o cachorro e saiu em direção ao parque dez anos mais jovem que a noite anterior. Quando voltou para tomar banho, seu marido já estava no chuveiro. Tirou a roupa num segundo depois dele, que estava ensaboado dos pés a cabeça.

– Bisavó – disse ele como um cumprimento.

– Jovem – disse ela baixando os olhos até o círculo de pelo negro que escondia o renomado pelo branco. A água ia tirando-lhe a espuma do sabonete. Era um só, um caracol entre tantos. Não disse nada. Pouco depois secavam-se um de frente para o outro: ele depressa, ela com a lentidão distraída de todas as manhãs. Agachou-se com o pretexto de secar os pés devagar e de repente os seus olhos fixaram-se justo no pelo branco. Procurou o lugar com a boca para lhe dar um beijo. O pelo estava na margem, antes do lugar onde começa a virilha. De fato, era um caracol. Beijou-o.

– O que você está fazendo, sua louca?

– Comi o pelo branco – disse ela.

INUNDAÇÃO

Depois de causar-lhe mais guerras que o Oriente Médio, o marido de Cruz passa uns anos comportando-se muito bem e por fim chegou a compensar

a ofensa. Por isso agora ela, que sempre teve a língua afiada para contar suas ofensas, anda feliz contando a mais recente retratação.

Um sábado de agosto inundou-se sua casa depois de uma tempestade maior que aquela que tiveram notícia os degraus debaixo de sua porta. Horas e horas de chuva e granizo caíram na colônia de barro que ainda existe pela rota de sua casa, ao norte da cidade a qual percorre para ir trabalhar todos os dias. A água subiu cerca de um metro na rua e vinte centímetros chegaram a penetrar sob o limiar da porta.

Quando Cruz viu que um fio de água começava a entrar, correu apanhar toalhas e foi colocando-as contra a fresta. Mas em minutos o fio se fez um jato e logo uma torrente. Ela e sua filha, que estava de visita, conseguiram encher cinco barris com a água das toalhas que iam espremendo, mas a realidade tornou-se mais forte que suas forças e Cruz resolveu deixá-la entrar como ao destino: até onde lhe desse vontade. Então subiram no telhado para buscar alguns tijolos que ali tinha sempre seu marido, por via das dúvidas, que somente esta tarde se soube quais eram.

Puseram-nos no chão para formar quatro colunas e em cima acomodaram um dos quatro pés da mesa da sala de jantar. Ali subiram duas poltronas e sobre as poltronas, com muito cuidado, equilibraram as seis cadeiras que justamente acabava de envernizar o onipresente santo em que foi se transformando Raúl, seu marido.

– Por que vocês não levaram as cadeiras para o andar de cima? – perguntou-lhe uma amiga sua.

– Porque Raúl estava colocando um piso novo, todo nivelado, para logo atapetar.

– Não havia uma base de cimento desde sempre?

– Sim – disse Cruz –, mas como fomos fazendo por cômodos não estava semelhante. E agora Raúl quis deixar nivelado para pôr madeira no corredor. Por isso estamos todos apertados em dois cômodos.

– E até que horas você tirou a água?

– Até por volta da meia-noite, quando Raúl chegou e ajudou – disse Cruz.

Raúl, o atual dono da boca com que Cruz diz o seu nome, chegou tarde porque quando começou a tempestade ainda estava pondo gesso nas paredes de uns escritórios no caminho do aeroporto. Cruz disse-lhe para que voltasse pela rua do Indios Verdes, uma avenida comprida e hostil que deve seu nome e um monumento em honra de uns astecas pintados de verde. Disse-lhe que era melhor que desse a volta e entrasse até a avenida Cien, uma rua igualmente difícil, mas mais longínqua, que não costumavam transitar senão em ocasiões tão inevitáveis como aquela da inundação, porque ali tinha morrido seu cachorro. Em tudo ele fez o trajeto em duas horas, mas conseguiu chegar em casa. Ao entrar encontrou uma mulher exausta, sentada num banco de alumínio perto do aquecedor. Tinha nas pernas a neta, que não entendia as razões pelas quais era melhor não se agitar naquele lamaçal tão atrativo para seus cinco anos.

Perto de sua casa, há cerca de duas décadas, compraram um terreno no qual Raúl guarda suas ferramentas e as coisas que vai usando segundo as circunstâncias. Ali ele tinha guardada uma pequena bomba velha e foi busca-la saltando entre as poças. Voltou com o troféu na mão, ligou-o na tomada para o liquidificador que está no alto e embora pareça incrível, havia energia e funcionou. Com isso Raúl também tinha, por via das dúvidas, como costuma ter pregos e arame, parafusos e uma pá, a água foi baixando devagar junto com a catástrofe que molhou tudo.

Era uma da manhã quando se pôde abrir a porta. A essas horas chegou o marido da filha, que assim que pôde foi busca-la. Muita gente tinha saído para se recompor fora de suas casas ainda inundadas. Cruz soube então que ela estava em melhor situação que os outros. Na mulher da farmácia a água chegou mais ou menos no meio do balcão, e na sua vizinha chegou até as janelas do segundo andar.

Cruz viu sua família e um tipo de paz entrou-lhe na alma assim como havia entrado a água por todos os lados. No final das contas não foi tão mal que tivesse aguentado a vontade de meio que matar Raúl quando andou metido entre as saias de outra velha.

Deu um beijo na neta, outro no genro e dois em sua filha.

– Mãe, pobre de você. Acho feio deixar você nesta bagunça – disse-lhe.

– Não se preocupe, filha, tenho sorte – disse Cruz –. Tantos daqui de perto com casa pequena, de um cômodo só, num só andar. Vão ter que dormir com a água na borda do colchão, sem poder nem pôr os pés no chão. Como se estivessem flutuando. Eu tenho sorte, agorinha mesmo subo e lá em cima tudo está limpo. Tenho minha cama seca e meus cobertores quentes. Eu subo e me esqueço, e que aí fique tudo aqui embaixo assim jogado fora, e amanhã veremos isso.

E sim, dormiram muito bem. E sim, o domingo todo foi para recolher sujeira. Na segunda-feira Cruz amanheceu com uma ilusão no bolso: sua casa tinha ficado limpa e em cinco dias Raúl ia pôr um novo piso para que tudo estivesse pronto na sexta-feira quando iria chegar sua irmã de Los Angeles, com tudo e suas duas filhas e seu marido gringo, que a tornou gringa casando-se com ela.

De vez em quando, pensou, os maridos devem servir para alguma coisa.

UMA DAS DUAS

Lucía olhou seu marido cochilar na poltrona. Despertava em alguns momentos, olhava-a e sorria como se estivesse em outro mundo. Em uma dessas piscadas ela lhe disse com toda suavidade:

– Sabe? Quando um de nós dois morrer eu vou para a Itália.

Recebido em 24/06/2019. Aceito em 15/12/2019.